

## Hierarquia dos espaços na fanpage “Suburbano da Depressão”

## Hierarchy of spaces on the fanpage “Suburban of Depression”

Leticia Cantarela Matheus<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo discute as disputas discursivas em torno da definição do conceito popular de “subúrbio”, procurando compreender o território cultural conhecido como “subúrbios cariocas”. Trata-se de um território imaginado que se atualiza no espaço das redes sociais por meio de fanpages no Facebook. Neste trabalho, analisamos as particularidades da fanpage “Suburbano da Depressão” e do livro homônimo buscando entender as dinâmicas identitárias que se atualizam nesse território a partir de processos criativos de invenções conceituais e de tradições. O artigo tem por objetivo detectar redes semânticas de construção de conceitos práticos utilizados no cotidiano para dar conta da apropriação simbólica dos subúrbios e de positividade permanente de seu imaginário, invertendo polos de conhecimento e de experiência.

**Palavras-chave:** cidade; Norte-Sul global; subúrbio carioca; território; conceito.

**Abstract:** The essay discusses the discursive disputes around the definition of the popular concept of “suburbs”, considering the phenomenon of the outskirts of Rio de Janeiro city. It is thought to be an imaginary territory which is reinforced on social media, through fanpages dedicated to it on the Facebook. This paper analyses how it happens on the fanpage “Suburban of Depression” as well as on the namesake book, in order to understand the dynamics of contemporary identities that take place on the digital environment, so that there are some strings of creative processes of making new concepts and traditions. The aim is to identify the semantic networks with and in which people build up this pragmatic concept

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-2860-2607>. E-mail: [leticia\\_matheus@yahoo.com.br](mailto:leticia_matheus@yahoo.com.br)

*of everyday life, so as to operate not only the symbolic appropriation of local outskirts but also to positivate its imaginary, inverting the Northern and Southern axis of knowledge and experience.*

**Keywords:** *city; global north-south; Rio's outskirts; territory; concept.*

## Introdução

No Rio de Janeiro, o sul é o norte. É esse imaginário que permite a eventual referência à Barra da Tijuca, por exemplo, como a “zona Sul da zona Oeste”. É o que autoriza, por mimetismo, os moradores da vizinha Niterói chamarem de sul sua região oeste, como o bairro de Icaraí. É o que causou indignação aos moradores do Flamengo quando, em 2016, a Prefeitura chegou a retirar sua administração das mãos da 4ª Região Administrativa (RA) – a chamada zona Sul –, transferindo-a para o Centro. Foi também o nó do problema quando, em outubro do mesmo ano, um projeto de lei propunha a separação administrativa de Barra da Tijuca, Jacarepaguá e Recreio do restante da zona Oeste, criando uma “zona Oeste-Sul”, “para que não mais se fizesse a confusão de dizer que os bairros da Barra da Tijuca e Jacarepaguá também pertenciam à região da zona Oeste” (PROJETO QUER TRANSFORMAR..., 2016).

Esses exemplos sugerem que a localização territorial configura certa marca cultural, de modo que, enquanto signo, a coordenada geográfica “sul” tem valor de distinção capaz de agregar uma suposta qualidade superior a quem ela é atribuída. Essa longa construção histórica teve início na virada do século XIX para o século XX, quando as freguesias começaram a ser urbanizadas, expandido a cidade. Naquele processo, surgiam os subúrbios cariocas, marca identitária singular do Rio de Janeiro, cujo sentido se atualiza até hoje por uma série de embates simbólicos, entre os quais certo grau de diferenciação em relação ao “sul”, seja ele epistemológico ou em relação à imagem projetada da cidade. Segundo a proposta desenvolvida aqui, as disputas em torno desse território simbólico apontariam justamente para sua riqueza cultural.

Para tentar sustentar esse argumento, o artigo investiga os processos identitários que se desenvolveram discursivamente entre 2015 e 2017 na *fanpage* do Facebook “Suburbano da Depressão” (SD), uma página de humor dedicada ao conjunto de bairros que o carioca identifica como “subúrbios”. Enquanto objeto empírico, a página tem aqui duas funções. Em primeiro lugar, ela se apresenta como pretexto para uma série de articulações discursivas, portanto é entendida aqui como mediação.

Em segundo lugar, funciona como rastro que permite ao pesquisador observar processos de comunicação que se deram no passado e que continuam se dando na medida em que continuamos a falar daquela página – agora na forma de artigo. Ao longo de três anos, “Suburbano da Depressão” foi acompanhada semanalmente. Foram selecionados *posts* (com seus comentários), de modo temático, quando trataram da questão identitária por meio do debate acerca da definição de certo território cultural. O objetivo foi traçar os principais embates em torno do conceito de subúrbio carioca, para além de quaisquer definições geográficas, urbanísticas ou administrativas. A reflexão se insere numa perspectiva culturalista, de estudos de linguagem e cidade, e não tem a pretensão de desenvolver questões tecnológicas.

A relação entre um norte e um sul cultural é parte fundamental dos estudos decoloniais, que propõem uma redistribuição geopolítica do pensamento (MIGNOLO, 2002, 2008, 2017). Embora esta breve reflexão não se alinhe totalmente a essa corrente teórica, foram autores como Mignolo e Boaventura de Sousa Santos que inspiraram, de duas formas, o esquema argumentativo deste artigo. Em primeiro lugar, porque tentamos lançar a perspectiva decolonial sobre a microescala da cidade do Rio; em segundo, porque a ideia da desobediência epistêmica decolonial (MIGNOLO, 2008) permitiu pensar conceituações populares sobre os subúrbios para além do debate acadêmico. Por isso, invertemos a lógica epistemológica de um norte científico (SANTOS; MENESES, 2010), usando como base teórica não apenas as contribuições dos próprios usuários ao estabelecerem um diálogo nos comentários da *fanpage*, mas partindo também da reflexão do dono da página, Vitor Almeida. Ele rejeita tanto uma concepção geográfica quanto uma classificação dos subúrbios por estratificação social, deslocando seus critérios definidores da esfera do lugar para os atores sociais. Surgiram, em SD, alguns conceitos interessantes, como “reliquismo” e o caráter “moralizante” de objetos e práticas, que dialogam diretamente com expressões da cultura popular dos subúrbios cariocas, como no item “Ícones suburbanos”.

Para Almeida (2016), o suburbano se caracterizaria por aquele indivíduo que quebra protocolos e sua página está repleta desses exemplos. A quebra de protocolo já começa pela iniciativa de Almeida de extrapolar a ambiência digital de SD para outra plataforma mais estável: o livro. Tentamos aqui seguir pistas dos embates identitários que se deram na relação entre os *posts* e os comentários na *fanpage*, bem como a leitura que Almeida fez desses processos no livro homônimo por ele publicado.

Como fundamento teórico, partimos do princípio dialógico da comunicação (BAKHTIN, 2009) para entender que os comentários em SD pertencem a cadeias discursivas que atualizam, ao mesmo tempo que se ancoram, em imaginários sobre os subúrbios. Acreditamos que, metodologicamente, este trabalho se aproxima da proposta de Recuero e Soares (2013) quando montam uma estratégia com base na análise do discurso mediado pelo computador (CMDA), embora tenhamos nos mantido apenas em Bakhtin. Buscamos, nos *posts* e nos comentários, discursos citados, isto é, comentários anteriores ou discursos prévios em circulação que, muitas vezes, só podem ser capturados a partir de rastros de reações a eles. Procuramos entender as táticas de antecipação do discurso do outro tanto nas “provocações” que alguns *posts* mobilizavam quanto na defesa de certos pontos de vista por parte dos comentaristas, a quem interessava marcar, às vezes, a diferença em relação ao resto da cidade e, em outros momentos, a continuidade. Em outros momentos, acentuava-se a pluralidade interna ao se buscar demarcar o desenho móvel dessas fronteiras suburbanas. Outras vezes, foram os objetos em circulação naquele território que serviram como marcadores culturais (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009) de uma suburbanidade, espécie particular de modernidade descolonizada (MIGNOLO, 2008), como se verá em alguns exemplos.

### **Definições de subúrbio**

Criada em 2012, “Suburbano da Depressão” tinha 363.258 seguidores no início de 2019. O fenômeno se inscreve num conjunto mais amplo de *fanpages* dedicadas a cidades. Oliveira (2015) estuda as

*fanpages* no Facebook “Fortaleza Nobre”, de Fortaleza, e “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”, do Rio de Janeiro, sob a ótica da nostalgia. Já Carvalho (2017) usa a *fanpage* “São Gonçalo Dá Depressão” para pensar cidadania e crítica social por meio do humor. Rabello, Oliveira e Musse (2014) analisam “Maria do Resguardo”, de Juiz de Fora (MG), problematizando questões de memória. Também pensando a descentralização da produção de memória sobre a cidade, desta vez num perfil sobre o Rio de Janeiro no Instagram, Gauziski, Amaro e Gonçalves (2013) trabalham com a materialidade fotográfica. Sobre os dois primeiros parecem compartilhar a lógica da mediação (MARTÍN-BARBERO, 1997), tão central para a virada cultural na comunicação e na qual esta reflexão se fundamenta. Porém, cada um desses trabalhos estabeleceu abordagens metodológicas próprias. O que se acentua aqui, em referência ao caso de “Suburbano da Depressão”, é o caráter intertextual em torno das definições dos subúrbios cariocas e como essas definições são encenadas em objetos e conceitos do cotidiano. Assim como nesses outros trabalhos, não trilhamos os compartilhamentos dos *posts*. Nosso recorte foram as discussões fechadas dentro da própria página.

Em 2018, o gestor Vitor Almeida colocou uma capa em SD que parecia tentar delimitar seu recorte de atuação. A imagem apresentava uma montagem com quatro fotografias de diferentes bairros, um texto escrito “Zona Norte – Zona Oeste – Baixada” e um eloquente mosaico. A solução conceitual do mosaico apareceu depois de concluído este estudo, mas a história de sua formação é longa.<sup>2</sup> Desde o início do nosso monitoramento, em 2015, havia, na *fanpage*, grande tensão em torno das definições sobre os subúrbios cariocas, tema sensível, que mobiliza paixões por parte de seus moradores. Porém, em vez de tentar chegar a um consenso ou escolher uma das inúmeras concepções já debatidas, acentua-se aqui exatamente essa tensão e a intensidade dos afetos envolvidos nesses embates. Identificamos, em SD, pelo menos três grandes linhas argumentativas que desenham o entendimento sobre os

2 Depois de concluído este estudo, Vitor Almeida ainda incorporou ao repertório suburbano de SD a Baixada Fluminense (sete municípios), como indica a nova capa da *fanpage*. Essa nova condição do objeto não é tratada aqui.

subúrbios: a primeira, uma divisão de classe traduzida geograficamente no território; a segunda, uma definição geográfica que teria nas duas linhas ferroviárias o traço definidor dos subúrbios; por último, uma associação mais recente à ideia de zona Norte. Nenhuma delas se sustenta sozinha, muito menos traduz ontologicamente essa experiência cultural chamada subúrbio. Seus limites ultrapassam as três definições, graças tanto à dinâmica do conceito quanto à dinâmica do próprio território cultural.<sup>3</sup>

No entanto, essas definições povoam de fato o imaginário. Um marco histórico aceito como o auge da dicotomia norte/sul, que se perpetuaria e, ao mesmo tempo, se confrontaria ao longo de todo o século seguinte, teria sido a gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906). A chamada “zona Sul” se caracterizava até então como um balneário com algumas mansões esparsas e também era chamada de subúrbio ou de freguesia. Enquanto isso, a grande expansão habitacional se dava principalmente no sentido norte, acompanhando as linhas costeira (Leopoldina) e continental (Central do Brasil) do trem, que já existiam desde metade do século XIX. Cada qual com suas particularidades, essas regiões assumiam gradativamente feições urbanas, repletas de contradições e com recursos infraestruturais desiguais.

Aos subúrbios do norte restavam poucos investimentos, apesar de sua disparada demográfica. Os bairros que margeavam o ramal ferroviário da Leopoldina cresceram populacionalmente 293% somente entre 1890 e 1906 (SILVEIRA, 2009). A imprensa local da virada do século tinha clareza sobre a distribuição desigual de investimentos públicos e surgiu, naquele momento, uma profusão de jornais de bairro, semanários e revistas literárias destinadas a defender os interesses dos moradores dos subúrbios. Segundo Mendonça (2014), pode-se classificar essas dezenas de semanários em três principais grupos: um grupo literário, dedicado à promoção da cultura dos bairros dos subúrbios; uma imprensa sindical, ligada aos operários que moravam nesses bairros, onde havia grandes

3 Sobre formação e definição dos subúrbios cariocas, cf. Moreira (2013), Fernandes (2011), Abreu (2003), Domingues (1994/1995).

fábricas e vilas operárias; e um terceiro grupo voltado para a defesa dos interesses do comércio local e da população em geral.

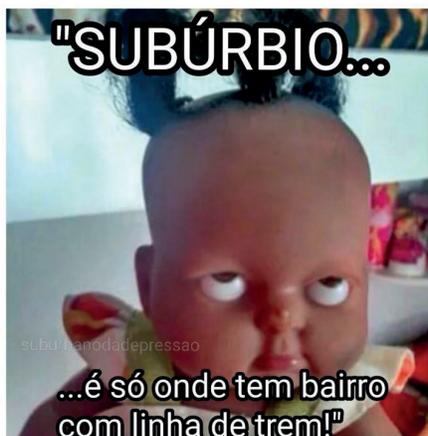
Esse terceiro grupo reivindicava investimentos públicos, enquanto a zona central passava pela famosa Reforma Passos, um conjunto de obras de remodelação do Centro à luz de uma idealização sobre o que era modernidade – uma modernidade evidentemente europeia, sobretudo parisiense, reproduzindo por aqui a lógica do pensamento colonizado, criticada pelos decolonialistas (MIGNOLO, 2008). Porém, esses jornais já procuravam valorizar uma identidade suburbana e deixavam isso muito claro ao escolherem como título das publicações o termo “subúrbio”, reivindicando, assim, um lugar de pertencimento. São alguns exemplos: *Tribuna Suburbana* e *Jornal Suburbano* (Madureira), *Echo Suburbano* (Engenho de Dentro), *O Suburbano* (Ilha do Governador, Méier, Madureira, Inhaúma), *Progresso Suburbano* (Piedade) e *Revista Suburbana* (Méier). *O Suburbano* da Ilha do Governador é um exemplo que contraria a narrativa que se popularizou a partir da década de 1950 de que os subúrbios seriam os bairros à margem da linha da Central do Brasil, pois, em sendo uma ilha, aquele bairro obviamente não tinha ferrovia (MATHEUS, 2016/2017).

Essa classificação é, portanto, extremamente dinâmica e SD entra nesse jogo de disputas pelas definições desse espaço, ao mesmo tempo que se configura como uma arena de luta simbólica devido aos debates que ali se dão. Bairros que foram considerados subúrbios no passado podem eventualmente não mais ser. O próprio desenho territorial dos bairros foi mudando ao longo dos anos. A região também não coincide espacialmente com a zona Norte, pois inclui bairros da zona Oeste e nem todo bairro da zona Norte pertence ao subúrbio historicamente falando, embora tenhamos percebido a crescente aceitação dessa sobreposição pelos seguidores de SD. Ao procurar por “subúrbio Rio de Janeiro” na Wikipédia, aparecem listados 99 bairros, entre eles alguns da zona Oeste e sem trem, enquanto, oficialmente, a zona Norte abarca apenas 87 bairros (Decreto municipal nº 3.158/1981). Portanto, é preciso deixar claro que subúrbio é um território simbólico que se encontra

numa interseção entre o conjunto de bairros da zona Oeste e o conjunto de bairros da zona Norte. Além disso, uma definição ainda aceita por moradores mais antigos é que somente os bairros que margeiam a Central do Brasil seriam subúrbio. Porém, enquanto território simbólico, talvez seja inútil procurar um traçado espacial definidor dos subúrbios, uma vez que eles habitam o terreno da imaginação.

Essas contradições aparecem nos *posts*, que são compostos, em parte, por *memes* (conjunto visual de texto sobre fotografia inscrito pelo humor), embora as publicações, às vezes, sejam só texto e, outras vezes, uma ou mais fotografias (em montagem) com um texto separado no corpo do *post* (não por cima da fotografia). Essas fotografias, em geral, foram feitas em diferentes ambiências suburbanas, tanto em espaços públicos quanto privados. Não foi encontrada nenhuma postagem com recurso sonoro.<sup>4</sup>

Figura 1: Só bairro com linha de trem



Fonte: Facebook, 22 dez. 2015.

4 Os *memes* foram abordados teórica-metodologicamente a partir de múltiplas chaves interpretativas: segundo uma lógica autoral (CHAGAS, 2015), por função retórica (CHAGAS et al., 2017), segundo a memória pela via da análise do discurso francesa clássica (BORTOLÍN e FERNANDES, 2017), como aforismos (incluindo elementos semióticos das imagens), pela via da análise do discurso de Maingueneau (BOENAVIDES, 2018), pelas características dinâmicas das próprias redes sociais (RECUERO, 2007), entre outras operações intelectuais.

“Suburbano da Depressão” vai contra o critério da linha do trem. Uma seguidora argumenta que, se assim fosse, toda a Europa seria subúrbio, retirando a singularidade do fenômeno carioca ao acionar uma aplicabilidade universal ao conceito. Em resposta, outro seguidor defende que o traçado ferroviário é sim fator definidor dos subúrbios cariocas. Outros seguidores começam, em seguida, a listar seus próprios bairros como não tendo linha de trem, porém reivindicando uma identidade suburbana. Assim, os interagentes (PRIMO, 2005) discutem entre si, acionados pelo *post*. Essas relações intertextuais se dão em múltiplos níveis, a começar pelo próprio diálogo entre linguagem verbal e não verbal do *meme* (Figura 1), além do fato de esse conjunto visual já ser uma resposta – irônica – à suposta tese definidora de a linha do trem ser condição necessária de suburbanidade.

A suposta diferença de classe também é relativizada em SD. Embora haja, no senso comum, uma percepção de distinção econômica em relação à zona Sul, os subúrbios cariocas foram formados sobretudo pela classe média. Lima (2014), porém, recupera a ideia de estratificação social para pensar a heterogeneidade dentro dos próprios subúrbios. A autora lembra que a dinâmica econômica entre diferentes bairros suburbanos e dentro de um mesmo bairro impõe ao tecido social diferentes temporalidades de acordo com diferentes processos de ocupação e de atividades econômicas historicamente diversas. Ou seja, por processos singulares de modernização. Por analogia à Zona Sul, os moradores dos subúrbios fazem uso do termo “Zona Sul” para se referirem a microrregiões mais ricas dentro de um mesmo bairro, num processo permanente de múltiplas distinções. Essa é uma característica muito particular da cidade do Rio de Janeiro: um mesmo bairro integrando grupos que se percebem como economicamente distintos. O que parece claro, entretanto, é que, independentemente da adoção ou não de uma noção de estratificação que substitui simplisticamente o conceito de classe, a ideia de subalternidade é rejeitada (MAIA; CHAO, 2016). Ainda que o conceito de subúrbio, a partir de seu domínio técnico, pudesse indicar certo grau de urbanização (sub-urbano), seu uso corrente é muito mais amplo

do que isso. Do ponto de vista geográfico, o conceito se refere às áreas que circundam concentrações urbanas onde se consideraria haver um déficit infraestrutural (SOTO, 2008).

Como o autor explica, mesmo esse critério técnico não serve para definir os subúrbios de maneira geral, pois algumas regiões classificadas como tal em outras cidades são, muitas vezes, altamente urbanizadas. Esse é o caso dos subúrbios cariocas, ainda que tenham contado com graus diferenciados de investimento público ao longo da história. O que muitas vezes não se compreende é que os subúrbios cariocas são um fenômeno particular, cuja ideia não é aplicável ao resto do mundo. E mesmo esse conceito carioca se encontra em permanente disputa há mais de 100 anos. A Barra da Tijuca, por exemplo, que não é tradicionalmente parte dos subúrbios, até porque é um bairro muito novo – mas, que se fosse adotada a perspectiva técnica, poderia ser classificada como subúrbio –, somente nos últimos anos vem recebendo esgotamento sanitário. Por outro lado, os chamados subúrbios cariocas são altamente urbanizados. Pensando de modo decolonialista, eles não são o “efeito colateral” do progresso na região Centro-Sul, mas parte do mesmo processo modernizador, intrinsecamente cheio de contradições. A relação do morador do Rio de Janeiro com sua cidade não se reduz a um critério de urbanização. Os subúrbios cariocas dos quais tratamos não são um conceito urbanístico. Trata-se de um conceito cultural construído cotidianamente por seus moradores, assim como por aqueles que lá estiveram só em imaginação.

A disputa continua. Na publicação de 11 de novembro de 2015 (Figura 2), SD defende que Barra da Tijuca e Recreio são subúrbios, retomando, de alguma forma, a concepção original do termo empregado no século XIX, como sinônimo de arrabalde, freguesia, periferia. Houve quem argumentasse, nos comentários, que “elite é só zona Sul, o resto é suburbano”, mais uma vez fazendo coincidir a questão da estratificação social, o que não necessariamente está implicado no conceito. Além disso, outros comentadores argumentam que quem ocupou a Barra foram suburbanos que enriqueceram, apontando para uma contiguidade

cultural. No caso da Figura 2, o diálogo provavelmente se dá com todo o repertório de artistas populares que apontam o dedo ao posar para fotografias, o que remeteria também, por sua vez, ao famoso cartaz de 1917, com a personificação norte-americana do Tio Sam apontando o dedo: “I Want You for U.S. Army”. Além disso, há a referência à letra da música gravada pelo cantor Wesley Safadão, “Aquele 1%”. O uso da imagem do artista agregaria autoridade à mensagem, dentro daquilo que seria um regime cultural de autenticação, tributário do popular (APPADURAI, 2008).

Figura 2: Barra é subúrbio

**99% BARRA, RECREIO**



**MAS AQUELE 1% É SUBURBANO**

Fonte: Facebook, 11 nov. 2015.

É preciso insistir na diferença entre um debate conceitual científico e um debate conceitual operacional do cotidiano, sendo este último o que nos interessa, embora um se infiltre no outro em alguma medida. Um conceito científico é sempre ligado a uma teoria – por exemplo, sobre urbanização – e mesmo esses conceitos mudam ao longo do tempo pelos modos como são apropriados e pela transformação dos próprios fenômenos aos quais servem de abstração. O mesmo ocorre com os conceitos do senso comum, essa força prática cotidiana que permite

intervir no mundo. Resumindo Koselleck, Jasmin e Feres Júnior (2006) explicam que um conceito pode mudar porque o estado de coisas mudou ou por causa de uma dinâmica do próprio conceito.

Os subúrbios que nos interessam não são abstrações científicas. São modos de vida e saberes práticos no sentido bourdieusiano. É o senso comum (GEERTZ, 1997), um saber prático, ao qual se chegou por experiência ou transmissão de experiência. Ele é um sistema cultural que se caracterizaria, entre outras formas, pela não metodicidade. Nele, a contradição não é um problema. Por isso, não se pode esperar que haja um consenso acerca das definições correntes sobre os subúrbios, pois a contradição é intrínseca à vida social. Por outro lado, Geertz também atribui ao senso comum o caráter de um conhecimento que parece natural. Isso significa que não se cogitaria uma interpretação diferente em relação a algum aspecto da realidade, o que não se aplica ao conceito de subúrbio, que se encontra em estado permanente de intensas disputas. Interessa aqui, portanto, um saber prático (BOURDIEU, 1996), um conjunto que referências que operacionalizam o cotidiano, muito mais que um debate científico sobre as fronteiras desses subúrbios cariocas.

Figura 3: “Aceita que dói menos”



Fonte: Facebook, 14 mar. 2015.

A Figura 3 é composta a partir da lógica da autoironia (AMARAL, BARBOSA, POLIVANOV, 2015) e trata de um dos maiores conflitos na *fanpage*, que diz respeito à posição simbólica da Tijuca. Enquanto o gestor defende, numa postagem de março de 2015, a sobreposição integral da zona Norte ao subúrbio, afirmando que a Tijuca a ela pertence, outros usuários discordam.

Alô galera do “Subúrbio é todo bairro que tem linha de trem”: esse conceito não existe mais, afinal não foram os bairros que cresceram decorrentes das paradas da linha férrea, mas as paradas que foram instaladas decorrentes das demandas dos bairros. Alô, vamos estudar ae! (SD, 14 mar. 2015).

Uma seguidora discorda: “Subúrbio são todos os bairros beirando a linha do trem”, o que SD responde: “Conceito desconsiderado já faz algum tempo. Vamos atualizar essa bibliografia”, até que aparece um seguidor que reage à definição científica à qual o gestor apelava em seu argumento: “Não é terminologia desatualizada, é terminologia clássica!”.

Figura 4: Provocações com os tijucanos



Fonte: Facebook, 16 set. 2016.

Com exceção do gestor da página, que se identificou ao publicar o livro, não revelamos os nomes dos comentadores por questão de privacidade, uma vez que não temos autorização para usar seus nomes.<sup>5</sup> Por se tratar de material empírico, os erros ortográficos e gramaticais foram preservados. Eles revelam o caráter da oralidade secundária (ONG, 2002), tão evidente na cultura midiática e seu tributo à expressividade popular.

A: Exato! E como seriam classificados os bairros do Lins e Cachambi, por onde não passam a linha férrea? São bairros do subúrbio do RJ, e não tem estação de trem.

B: Subúrbio no sentido original é todo bairro afastado do centro, então seguindo essa lógica seria subúrbio a zona sul também. O choro é livre.

C: São Cristóvão é subúrbio então? RS Subúrbio na definição mundial são regiões longe do centro da cidade, independe de trem. Existem bairros ricos que são graciados pela malha ferroviária. Existem bairros ricos no subúrbio no RJ, no BR, no mundo.

D: O Lins não é subúrbio então? Lá não passa trem.....

E: Aonde que a Tijuca é longe do Centro?! Kkk...tenho que rir e São Cricri é subúrbio da Leopoldina... Bangu como zona norte também é ótimo... rrsr... amo essa página!

F: No Lins passa trem sim :D

G: Chegamos a uma contradição. O centro é subúrbio que não fica longe de si mesmo. :o

H: Acabei de descobrir que Vila Isabel tbm nao é subúrbio, pois nao tem trem.

I: E Cachambi, Engenho da Rainha, Vila da Penha, Acari... kkk (SD, 14 mar. 2015).

<sup>5</sup> Para ilustrar este artigo, deixamos de lado fotografias em que aparecia o rosto de moradores em seus afazeres domésticos. A exceção no uso da imagem foi o *meme* com Wesley Safadão por ser uma figura pública.

O debate, que se estende até dia 16 de março, revela convergências e divergências entre algumas linhas argumentativas. Primeiro, percebe-se uma nítida divisão entre aqueles que pensam um conceito ampliado de subúrbio, que, em parte, se confunde com o conceito de periferia, e outros que pensam a singularidade do fenômeno carioca. Destes, há nova subdivisão entre aqueles que adotam ou não o critério da linha do trem. Tanto na definição generalista quanto na particularista, surge o atravessamento da opção pela estratificação econômica: se se deve ou não associar subúrbio a alguma posição de classe (aqui no sentido bourdieusiano).

Figura 5: Comparações com a zona Sul



Fonte: Facebook, 29 set. 2016.

### Ícones suburbanos

No livro *Suburbano da depressão: causos, contos e crônicas*, Vitor Almeida, gestor da *fanpage*, traz esse debate na introdução e, por falta de consenso, propõe brilhantemente o deslocamento de uma definição

geográfica para caracterizações em torno das práticas sociais. Ele relata uma percepção pessoal sobre um novo modo de apropriação discursiva dos subúrbios por parte da Prefeitura a partir de 2010 por conta da proximidade dos megaeventos que aconteceram na cidade. O divisor de águas teriam sido as megaoperações policiais nos complexos de favelas da Penha e do Alemão, quando se tentou estabelecer o mito da “reintegração” daqueles territórios (MATHEUS; SILVA, 2013). Os jornais passaram a tratar a zona Norte com euforia, como nova área de interesse comercial e turística, com uma série de reformas, incluindo a construção do parque de Madureira e a instalação do sistema de transporte BRT (ônibus de corredor exclusivo no Rio). Como aponta Almeida (2016), tentava-se integrar um repertório suburbano à imagem estereotipada do Rio de Janeiro das novelas de Manoel Carlos (fundamentalmente cenários da zona Sul). Se, por um lado, ganhava-se em diversidade de representação, por outro, afirmavam-se novos estereótipos. Além disso, tentava-se instaurar uma integração supostamente inédita que, na prática, sempre existiu. “Sempre estivemos aqui,” afirma Almeida (2016, p. 15).

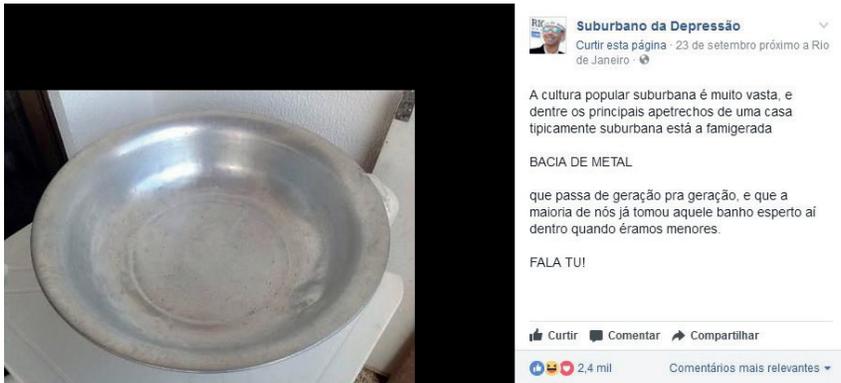
O livro se divide em duas partes: a primeira discute temas polêmicos que surgiram na *fanpage*, enquanto a segunda tem caráter mais literário, ainda que com inspiração no mesmo universo cultural de SD. São apresentadas práticas que, segundo Almeida, representariam a quebra de protocolos (de práticas e usos dos objetos culturais). Essa perspectiva se alinha à ideia de Michel de Certeau (2008) acerca da cultura popular, marcada pela grande capacidade de adaptação e de reinvenção do cotidiano em função das dificuldades concretas enfrentadas pelas classes trabalhadoras. São recursos que apontam para uma inteligência prática da qual falamos anteriormente. Também tem afinidade com a ideia da gambiarra como inteligência tecnológica descrita por Messias (2017). Embora o autor esteja pensando jogos eletrônicos, está presente em seu conceito de gambiarra a premissa da personalização, de modo íntimo e lúdico. É essa customização tendendo à diversão que se encontra nas práticas apontadas por SD, além do aspecto lúdico da própria rememoração dessas táticas cotidianas. Essa forma indireta de ludicidade estaria

na própria forma como se apresenta a *fanpage*, pautada pelo humor justamente para tentar impregnar o cotidiano de soluções mais leves. Ainda que, nessas postagens, possa eventualmente haver alguma dose de efeito estereotipante do morador dos subúrbios, como nos foi questionado,<sup>6</sup> rejeitamos que o humor apareça aí como deboche. Pelo contrário, parece haver uma positivação do sentido atribuído ao conceito de subúrbio. O riso que essas postagens podem provocar é nitidamente o riso crítico carnavalesco de Bakhtin (2008), capaz não somente de rir de si próprio, mas, sobretudo, de subverter as hierarquias dos espaços no Rio de Janeiro. Pelo riso, o Norte carioca passa a ser Sul. Passa a ser seu próprio Norte global.

Tentando reproduzir o registro oral, Almeida conta, no livro, “causos” como o da macarronese (prato feito à base de macarrão *fusilli* em substituição à batata), um clássico suburbano segundo ele; as sessões de defumação; as festas infantis, entre outros. Algumas dessas narrativas reverberam primeiro na *fanpage* como lugar de teste, mobilizando novas histórias ao lado de um conjunto de ícones suburbanos que vão desde a bacia de alumínio (Figura 6), em que toda criança já tomou banho, passando pela cantora Alcione e pelo músico Zeca Pagodinho até o ex-jogador de futebol Adriano, considerado o rei dos subúrbios por ter abandonado a Itália para voltar a viver na Vila Cruzeiro. Tal atitude é celebrada na *fanpage* como demonstração de honestidade por parte do jogador ao assumir o que o fazia feliz, sendo prova, por isso, das qualidades dos subúrbios e do amor de seus moradores pelo lugar. Discute-se, por exemplo, se a pessoa se mudaria para a zona Sul caso tivesse oportunidade, ao que os usuários respondem que não. Então, surgem *memes* com provocações tanto em relação aos bairros de lá quanto de parte do próprio subúrbio.

6 Debate que teve lugar no colóquio internacional “Modos de ser Sul: territorialidades, afetos e poderes”, realizado em outubro de 2017 pelo PPGCOM-UFF.

Figura 6: A bacia de alumínio



Fonte: Facebook, 23 set. 2017.

Apesar da presença dos *memes*, os *posts* a partir dos quais se dava o debate em torno da definição de uma qualidade suburbana eram compostos por fotografias com texto e legenda de objetos que encarnariam um estilo de vida suburbano (Figuras 6 a 10). Um importante objeto presente nas casas suburbanas é o ventilador, elevado, em SD, à condição de ícone cultural. Ele se apresenta a partir de múltiplos modos de uso, incluindo acelerar o degelo do *freezer* e ser usado na janela para aumentar a troca de ar numa tentativa de funcionar como ar-condicionado. Diante do *post* de um ventilador, os seguidores da página imediatamente responderam mandando fotografias de seus modelos, transformando a postagem numa espécie de catálogo de uma arqueologia doméstica popular.

Esses objetos, tais como a bacia de alumínio (Figura 6), o copo de geleia ou os ventiladores apoiados nas janelas, são elevados nas discussões à categoria de ícones suburbanos, dentro daquilo que Appadurai (2008) chamou de regimes de valor. Eles operam sentidos dentro de determinados quadros culturais. Segundo o autor, “as coisas em movimento elucidam seu contexto social” (APPADURAI, 2008, p. 17). Nesse caso, imagens e sentidos dos ventiladores na janela, cujas fotografias são postadas nos comentários pelos interagentes em resposta ao *post*

de Vitor Almeida, agenciam valores comuns. Ao darem ciência de tais sentidos e modos de uso, as pessoas performatizam seu pertencimento aos subúrbios. Dessa forma, esses moradores afirmam positivamente sua identidade pela lógica da autoironia mencionada anteriormente, fazendo ao mesmo tempo com que esses objetos desenhem identidades e inscrevam seu próprio pertencimento a essa cultura suburbana. Ao exibir proficiência nessa linguagem do ventilador de janela, a pessoa também se inscreve nesse território cultural.

Figuras 7 a 10: Arqueologia do condicionador de ar suburbano



Fonte: Facebook, 2015-2017.

Os embates culturais em SD se caracterizam por tentar definir a autenticidade ou a aura instauradora de identidade de uma série de objetos, desde os vestuários mais típicos até a alimentação. Esses objetos passam a performar uma biografia cultural (APPADURAI, 2008). Um desses confrontos foi biscoito Globo *versus* biscoito Fofura, este como representante do subúrbio, aquele da zona Sul. Dicotomia essa que aparece nas redes sociais em outros contextos, com outras formas, como “nutella” *versus* “raiz.” Para garantir a autenticidade desse consumo, o Fofura deveria ser acompanhado do refresco Guaraviton em vez de outros considerados mais “chiques”.

A: Biscoito Globo foi mais um item que a Patrulha da Gourmetização conseguiu tirar do povão.

B: Sim, principalmente depois que mudaram pra esse saquinho branco om mesmo era aquele transparente que vc tentava abrir e spatifava tudo

C: Não sei se ainda existe, não sei nem se era fofurão, mas quando eu era criança tinha um fofura que era doce, uma cópia do froot loops muito melhor do que o original. Todo colorido. Será que sonhei com isso em alguma composição do trem até Campo Grande ou existiu mermo?!

D: Ah não cara, nada supera o Guaracamp, desculpa aí... Quando morava em Big Field nem tinha caô

E: Guaraviton é muito caro, tem que ser Muzzy mesmo! Hahaaha (SD, 31 out. 2016).

O que parecia estar em jogo era o quão tradicional a prática pode ser, numa disputa sobre o grau de representatividade dos subúrbios que esses produtos encarnam. Esse sentido de tradição será discutido adiante sob o conceito de “reliquismo”. O importante é perceber que há aí pistas para se entender as dinâmicas do consumo, o valor simbólico dos objetos e seu circuito de distribuição. Podemos dizer que a circulação de um objeto de consumo e da marca também desenha territórios e é por ele desenhada. Esses bens e objetos, em geral, “são dotados de valor pela concordância dos outros”, diriam Douglas e Isherwood (2009, p. 123).

Em SD, os comentadores dão anuência a essa valoração “reliquista” dos objetos, que, por sua vez, passam a contribuir para o sistema de classificação e hierarquização do território no instante mesmo desses gestos de significação.

Figura 11: Globo *versus* Fofura



Fonte: Facebook, 31 out. 2016.

### Fontes de reliquismo

Uma das características mais marcantes expressas em SD sobre a cultura suburbana é a velocidade e a riqueza na criação de universos semânticos. Acompanhámos SD desde 2015 quando, no final de 2017, nos deparamos com a configuração de um conceito nunca antes escutado: reliquismo. Ao que parece, reliquismo seria o atributo de objetos ou de práticas que carregariam o patrimônio cultural dos subúrbios. Em vez de estar “guardado” em museus, o patrimônio suburbano estaria salvaguardado pela tradição em vestimentas e hábitos, como aquele de reaproveitar embalagens de vidro de milho em conserva ou copos de

geleia. No caso das roupas, SD descreve os vestuários clássicos feminino e masculino:

Mais um registro para nossa enciclopédia antropológica do suburbanismo:

A tia da bolsinha “tira colo”!

Blusinha soltinha, cabelo vermelho com a raiz branca, e o registro foi mais produtivo pois ela conversava com suas companhias sobre “a morte do marido da Fátima”, cujo velório vai ser hoje, no Caju.

Patrimônio!

Preservamos, cultuamos, registramos, cultivamos e, acima de tudo, GOSTAMOS! (SD, 10 maio 2017).

Importa menos a fidedignidade a uma suposta tradição imaginada e mais o próprio desejo de representá-la, formulando um passado comum que garantiria a identidade do grupo ao se reconhecer naquelas roupas. O valor da tradição tem pouca relação com qualquer vínculo efetivo com o passado remoto (HOBSBAWM; RANGER, 1984). É quase impossível, no Brasil, não ter usado ou não ver com frequência aquele conjunto de *legging* com camisa larga por cima e uma pequena bolsa transversal, tendo pouco a ver, portanto, com o passado de fato.

O conceito de reliquismo parece encenar princípios altamente codificados de regras de usos dos objetos para que recebam uma autenticação suburbana. No caso masculino, SD (27 set. 2017) descreve o vestuário masculino que seria uma verdadeira “armadura reliquista: Bermuda cáqui e cinto marrom, com a chinela branca de respeito”. Para usar esse tipo de roupa, seria necessário ser dotado de autoridade suburbana, o que entendemos como certo grau de respeito às tradições capazes de marcar inequivocamente um suburbano. Portanto, não seria qualquer um que estaria autorizado, pela tradição e pelo respeito, a portá-la. Não poderia haver mecanismo mais claro de estabelecimento de marca identitária com práticas de consumo. Por outro lado, esses objetos também emanam uma espécie de aura do passado. O termo “reliquismo” deve derivar da ideia de relíquia.

Segundo Pomian (1997), existiria uma dimensão sagrada na relíquia e uma capacidade de portar uma espécie de aura de um passado imaginado. Entre esses ícones sagrados do vestuário suburbano estaria um tipo de calçado singular ao qual a página e seus comentaristas atribuem um “caráter moralizador”. O “pisante moralizador” (Figuras 12 e 13) teria duas opções de uso: sem meias, para o verão, e com meias, para o inverno. O par de meias seria o único “agasalho” necessário no Rio, onde não faz frio. Segundo o texto do *post*, a imagem seguinte (Figura 13) foi publicada de emergência devido ao “peso histórico e cultural”. Fica claro que grande parte desses registros é feito por seguidores de SD que enviam as fotografias. Algumas são identificadas com os nomes dos fotógrafos, mas, pelos motivos já apresentados, optamos por não reproduzi-los. De todo modo, a autoria das fotos se encontra nas postagens originais.

Figuras 12 e 13: Pisante moralizador



Fonte: Facebook, 22 jun. 2017.



Fonte: Facebook, 28 jun. 2017.

## Considerações finais

“Suburbano da Depressão” integra um fenômeno recente em que bairros e cidades ganham *fanpages* dedicadas ou à memória histórica ou à dinâmica contemporânea. Não pretendemos dar a essas *fanpages* nenhuma centralidade nas dinâmicas identitárias, apenas ilustrar que as interações que se dão nas redes sociais podem permitir que rastreemos essas correntes semânticas que dão sentido ao cotidiano. Isso ocorre não porque as *fanpages* dedicadas a cidades supostamente “representem” esses lugares, mas porque, por mecanismos de intertextualidade, parte das correntes discursivas presentes na sociedade atravessa também as redes sociais. E pela sua configuração interativa, acreditamos ser possível enxergar com mais clareza e de modo concentrado – como um microcosmo – grandes embates que se dão no cotidiano – que inclui o próprio mundo digital. Sabemos que a reflexão poderia ter sido inscrita dentro de um conjunto diferente de problematizações, a partir de quadros referenciais relacionados ao funcionamento geral de *fanpages*, do próprio Facebook ou mesmo das redes sociais em geral, da cultura digital ou da cultura participativa. Entretanto, deixamos esses diálogos para outros momentos.

Na introdução do seu livro, Vitor Almeida afirma que não reivindica um papel de representante dos subúrbios. Mas acreditamos que SD cumpre a função de positivar o conceito de subúrbio. De lá surgiram *hashtags* de manifestação de orgulho suburbano e carioca, tais como “O Rio é o meu país” e “Escolhi suburbanizar”. De fato, o subúrbio introduz inúmeras variáveis à imagem do Rio de Janeiro para além das telenovelas, com opções mais plurais. Esse imaginário ultrapassa as fronteiras dos subúrbios cariocas. Talvez a totalidade das práticas descritas em SD e reivindicadas como suburbanas sejam, no fundo, apenas expressões da cultura popular. Quantos de nós não tomaram banho de bacia ou usaram ventilador para descongelar a geladeira? Quem nunca tomou café em copo de geleia ou colocou o ventilador na janela? Mas parece que o que SD quis fazer foi justamente buscar uma singularidade cultural, funcionando como ferramenta de combate às representações

governadas pela zona Sul. “Suburbano da Depressão” representa um exercício de pensamento, de consciência do lugar de onde se luta, um potente mecanismo de subversão dos polos norte-sul sociais, semânticos e epistemológicos.

Figura 14: “O Rio é o meu país”



Fonte: Facebook, 14 jan. 2016.

## Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. *Revista Rio de Janeiro*. Niterói: UFF, n. 10, maio-ago. 2003. Disponível em: [http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista\\_10/10-MauricioAbreu.pdf](http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-MauricioAbreu.pdf). Acesso em: 8 mar. 2019.
- ALMEIDA, Vitor. *Suburbano da depressão: causos, contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Autografia, 2016.
- AMARAL, Adriana; BARBOSA, Camila; POLIVANOV, Beatriz. Subculturas, re(a) apresentação e autoironia em sites de rede social: o caso da fanpage “Gótica Desanimada” no Facebook. *Revista Lumina*, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, dez. 2015. Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/481>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas*. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BOENAVIDES, Débora Luciene Porto. Do “Primeiramente, fora Temer!” ao “Tchau, querida!”: da unidade fraseológica ao *meme* (ou vice-versa). *Memento – Revista de Linguagem, Cultura e Discurso do Mestrado em Letras, Unincor*, v. 9, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/4502>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- BORTOLÍN, Andriele; FERNANDES, Célia. We Can Do It! O funcionamento discursivo dos *memes* no espaço digital. *Estudos Linguísticos e Literários, Salvador*, n. 57, p. 81-102, jul.-dez. 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/24428/15699>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.
- CARVALHO, Renata Palitó de. Um retrato satírico do cotidiano gonçalense através da página *São Gonçalo dá Depressão*. In: *COLÓQUIO MÍDIA, COTIDIANO E PRÁTICAS LÚDICAS, I, 2017, Niterói. Anais...* Niterói: UFF, 2017. p. 227-244. Disponível em: <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/site/wp-content/uploads/2018/12/AnaisColoquioMCPLCompleto.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHAGAS, Viktor. Entre criadores e criaturas: uma análise sobre a relação entre memes de internet e propriedade intelectual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVIII, 2015, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 4-7 set. 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3314-1.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. *Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, n. 38, p. 173-196, jan.-abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201738.173-196>.

DOMINGUES, Álvaro. *(Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?* *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, Porto, I série, v. XI/XI, p. 5-18, 1994/1995. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

GAUZISKI, Débora; AMARO, Fausto; GONÇALVES, Fernando. Materialidade e memória do Rio de Janeiro nas fotografias de Augusto Malta e do Projeto Rio 365. *Revista GeMimis*, ano 4, v. 2, n. 2, p. 169-189, 2013. Disponível em: <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/167/136>. Acesso em: 8 mar. 2019.

GEERTZ, Clifford. *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 111-141.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JUNIOR, João (Orgs.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.

LIMA, Tatiana da Silva. A zona Sul da zona Norte: o enclave fortificado invisível e as UPPs. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN (ALAIIC), XII, 2014, Lima. *Anais...* Lima, 2014. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaiic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT15-Tatiana-da-Silva-Lima.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.

MAIA, João Luis Araújo; CHAO, Adelaide Rocha de la Torre. Subúrbio carioca: conceitos, transformações e fluxos comunicacionais da cidade. *Conexão – Comunicação e Cultura*. Caxias do Sul: UCS, v. 15, n. 29, p. 147-165, jan.-jun. 2016. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/3517>. Acesso em: 8 mar. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATHEUS, Leticia Cantarela. A imprensa dos subúrbios (1900-1920). *Contracampo*, Niterói, v. 35, n. 3, dez. 2016/mar. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17580>. Acesso em: 8 mar. 2019.

\_\_\_\_\_; SILVA, Pedro Henrique. Território retomado: o noticiário sobre operações militares em favelas no Rio de Janeiro. *Eco-Pós: Comunicação, narrativas e territorialidades*, v. 16, n. 3, p. 44-60, set.-dez. 2013. Disponível em: [https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/831](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/831). Acesso em: 8 mar. 2019.

MENDONÇA, Leandro Climaco. *Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro 1880-1920*. Niterói: EdUFF, 2014.

MESSIAS, José. Gambiarra e videogames: uma visão cognitiva das tecnologias de entretenimento em *World of Warcraft*. *Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura*,

- v. 15, n. 2, p. 695-720, maio-ago. 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/18148>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, jun. 2017. DOI: 10.17666/329402/2017.
- \_\_\_\_\_. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colômbia, n. 8, p. 243-281, jan.-jun. 2008. Disponível em: <http://revistatabularasa.org/numero-8/mignolol.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- \_\_\_\_\_. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. *South Atlantic Quarterly*, v. 101, n. 1, p. 57-96, 2002. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/south-atlantic-quarterly/article-abstract/101/1/57/3090/The-Geopolitics-of-Knowledge-and-the-Colonial?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- MOREIRA, Luciana Verônica Silva. Cidade e subúrbios no Rio de Janeiro do início do século XX: ordenamento e progresso para o morador suburbano. Conhecimento histórico e diálogo social. In: *ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVII, 2013, Natal. Anais...* Natal: Anpuh, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1389207142\\_ARQUIVO\\_Luciana\\_Veronica.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1389207142_ARQUIVO_Luciana_Veronica.pdf). Acesso em: 8 mar. 2019.
- OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (Org.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010. 253p.
- OLIVEIRA, Tiago Mendes de. *Memória e cidade sensível: Fortaleza e Rio em comentários no Facebook*. 2015. Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.ppgcom.uerj.br/wp-content/uploads/Dissertação-Thiago-Mendes-de-Oliveira.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- ONG, Walter. *Orality and literacy*. EUA: Canadá: Routledge, 2002.
- POMIAN, Krzysztof. Coleções. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 1. *Memória-História*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997. p. 51-86.
- PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. LIMC, UFRGS, n. 45, 2005. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques\\_desfoques.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf). Acesso em: 8 mar. 2019.
- PROJETO QUER TRANSFORMAR Barra, Recreio e Jacarepaguá na Zona Sul da Zona Oeste. *Extra*, 15 out. 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/projeto-quer-transformar-barra-recreio-jacarepagua-na-zona-sul-da-zona-oeste-20295264.html>. Acesso em: 4 dez. 2017.
- RABELLO, Rafaella Prata; OLIVEIRA, Daniella Lisieux de; MUSSE, Christina Ferraz. O caráter memorial das interações na fanpage “Maria do Resguardo”. *Revista Parágrafo*, v. 2, p. 133-148, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/196/252>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- RECUERO, Raquel. *Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia*. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, abr. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3411>. Acesso em: 8 mar. 2019.

\_\_\_\_\_.; SOARES, Priscilla. Violência simbólica e redes sociais no *Facebook*: o caso da *fanpage* “Diva Depressão”. *Galáxia*, São Paulo, n. 26, p. 239-254, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a19.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVEIRA, Marcelo da Rocha. As casas populares e a formação do subúrbio carioca. In: *SEMINÁRIO DOCOMO BRASIL*, 8., 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/058-1.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.

SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 16, n. 1, p. 109-131, abr. 2008. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/298>. Acesso em: 8 mar. 2019.

## **Sobre a autora**

*Leticia Cantarela Matheus* – Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-Uerj), doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

---

Data de submissão: 16/09/2018

Data de aceite: 12/02/2019